

Semiologia/semiótica em Saussure e Jakobson: conceitos, filiações, debates Semiology/semiotics in Saussure and Jakobson: Concepts, influence, debates¹

Thomas F. Broden²
Purdue University

ABSTRACT

It was by developing phonology according to the principles of the *CGL* that the Prague Linguistic Circle succeeded in having linguistics recognized as the most advanced among the human sciences for several decades. The Czech group thereby helped establish Ferdinand de Saussure as a key seminal figure for the modern era, alongside such thinkers as Freud, Marx, and Nietzsche. Roman Jakobson made a particularly significant contribution to the spread of Saussurism, thanks to his genius and his abundant scholarly production, to his ample views and his long, varied career. The first part of this essay briefly recounts key steps in Saussure's elaboration of the idea of the semiological. The second part examines how Jakobson adopted the Saussurian thesis while also adding his own semiotic ideas that amplify, develop, and at times contest certain *CGL* proposals. This article focuses on the sign and semiosis, or the action of producing signs, and traces the progressive growth of the semiotic domain first in Saussure, than in Jakobson. Having made the choice to sketch a complex and extensive evolution in the two linguists, we are forced to accept that the essay cannot examine in detail each fundamental concept in play.

KEYWORDS: Jakobson; Saussure; Semiology

RESUMO

Foi através do desenvolvimento da fonologia, conforme os princípios do CGL que o Círculo Linguístico de Praga conseguiu reconhecer a linguística como a mais avançada entre as ciências humanas há várias décadas. O grupo checo, assim, ajudou a estabelecer Ferdinand de Saussure como uma figura seminal para a era moderna, ao lado de pensadores como Freud, Marx e Nietzsche. Roman Jakobson fez de uma contribuição particularmente significativa para a propagação do saussurismo, graças à sua genialidade e à sua abundante produção acadêmica, às suas visões amplas e à sua longa e variada carreira. A primeira parte deste ensaio descreve brevemente os principais passos da elaboração de Saussure sobre a ideia do semiológico. A segunda parte examina como Jakobson adotou a tese da saussureana ao mesmo tempo em que adicionou suas próprias ideias semióticas que ampliam, desenvolvem e às vezes contestam determinadas propostas do CGL. Este artigo enfoca o signo e a semiose, ou a ação de produzir signos, e traça o crescimento progressivo do domínio semiótico, primeiro em Saussure, depois em Jakobson. Tendo feito a escolha de esboçar uma evolução complexa e extensa dos dois linguistas, somos obrigados a aceitar que o ensaio não pode examinar em detalhes cada conceito fundamental em questão.

PALAVRAS-CHAVE : Jakobson; Saussure; Semiologia

¹ Tradução: Clemilton Lopes Pinheiro (UFRN)

² Agradecemos a Daniele Gambarara e José Luis Fiorin pelos comentários sobre a primeira versão deste texto.

INTRODUÇÃO

Foi através do desenvolvimento da fonologia segundo os princípios semióticos do *Curso de Linguística Geral* (CLG) que o Círculo Lingüístico de Praga conseguiu impor a Linguística como a mais avançada dentre as ciências humanas durante décadas. Ao fazê-lo, o grupo checo ajudou a elevar Ferdinand de Saussure ao posto de mestre do pensamento da era moderna, ao lado de figuras como Freud, Marx e Nietzsche. Roman Jakobson, em particular, contribuiu muito para a influência do saussurismo, por seu gênio e sua vasta produção científica, por suas generosas visões e sua carreira longa e variada. O cientista russo transformou a Linguística, a Poética, os Estudos da Tradução e a Semiótica. Ele fez muito para o triunfo do estruturalismo em meados do século passado e também participou no lançamento das ciências.

Neste trabalho, propomo-nos, em um primeiro momento, lembrar brevemente algumas etapas da elaboração da ideia de semiologia em Saussure no curso de sua carreira. Sabemos que, segundo o linguista genebrino, para compreender o que é um idioma, é preciso concebê-lo como sistema semiológico. Em seguida, veremos como Jakobson tomou a tese saussureana e elaborou suas próprias ideias semióticas que completam, desenvolvem e contestam, às vezes, alguns aspectos das propostas do CLG. De fato, Jakobson compartilhava a atitude de Benveniste em relação a esse texto, como mostra Irène Fenoglio em *La langue et l'écriture: un écart théorique entre Benveniste et Saussure* (também neste número). Ele considerou o CLG como uma obra genial e fundadora a qual seria preciso não somente repetir como um texto sagrado, mas desenvolver com um espírito científico. Nós nos concentraremos nos conceitos de signo e de semiose, ou ação de produzir signos. Nós observaremos igualmente que o campo do semiótico cresceu progressivamente, de início, segundo Saussure, e em seguida segundo Jakobson. Tendo feito a escolha de desenhar um progresso complexo e importante, devemos aceitar o inconveniente de não poder aprofundar em detalhes cada conceito fundamental abordado, o que seria necessário, é claro, fazer a princípio.

1. A semiose saussureana

Saussure escreveu alguns elementos de suas percepções sobre a ciência geral dos signos, durante sua carreira, quando ele abordou diferentes problemáticas. Sabemos que esses pontos de vista permaneceram inéditos em sua vida. Na idade de 26 anos, três anos após a defesa da sua tese, o linguista genebrino preconizou que os sons de uma língua são definidos pela convergência de três perspectivas: «Delimitação em nome da semiologia do fonema (negativo apenas)... Delimitação acústica do fonema... Delimitação das causas fisiológicas do fonema» (PARRET, 1993, p. 203). Destacamos duas idéias encontradas nesse esboço de 1883-1884: 1) «a semiologia», termo, por assim dizer, inexistente, na época, no vocabulário médico, é empregado para designar a constituição *negativa* das unidades sonoras; 2) Três instâncias são necessárias para definir um som linguístico, a saber, da arquitetura opositiva, do enunciatário e do enunciador, respectivamente. O mestre de Genebra enfatiza a armação integrada que forma os sons (como acabara de demonstrar no seu *Mémoire*): «A língua compõe-se de um sistema de oposições acústicas» (SAUSSURE, 1878).

Dez anos mais tarde, refletindo sobre linguística geral, Saussure ampliou a sua concepção de um conjunto diferencial para a semiose, a produção de sinais, não mais apenas para sons. No esboço escrito por volta de 1891-1894, intitulado *De l'essence double du langage*, ele rascunhou o seu modelo, opondo-se à ortodoxia que concebe o signo como uma entidade binária isolada constituída de um som e um conceito. Existe «somente, na realidade, *diferenças* de formas e *diferenças* de significados; [...] negativas em si mesmas», como «cada uma dessas ordens [...] não existe senão como diferenças, graças à união com a outra; [...] essa *oposição* de valor que é um fato PURAMENTE NEGATIVO se

transformará em fato positivo, porque cada signo [...] encontra-se delimitado, *a despeito de nós*, no seu próprio valor» (SAUSSURE, 2002, p. 42-3; 87-8). Essa passagem propõe os conceitos-chave do CLG, que são o valor, a definição mútua de significante e significado, e a passagem de significantes e de significados negativos para signos positivos.

Se a última frase citada retoma o termo empregado em 1883-1884 para descrever o som, a saber, a *delimitação*, *De l'essence double du langage* explica que a própria língua consiste apenas em operações, em processos, enquanto a mente se encontra obrigada a traduzi-los em « substância »: « **SUBSTÂNCIA LINGUÍSTICA**. – Constantemente tendemos a converter, no pensamento, as várias ações de que necessita a linguagem em substância. Faz-se necessário incluir na própria teoria essa concepção » (SAUSSURE, 2002, p. 81). Toda descrição estática das « formas » linguísticas, incluindo a topológica, representa, portanto, uma infeliz deformação, apesar de inelutável, do fenômeno dinâmico real.

Os cursos sobre linguística geral que Saussure ministrou em Genebra, uns quinze anos mais tarde (GODEL, 1957), retomam e desenvolvem sua concepção de língua como sistema solidário único (SAUSSURE, 1993). As conferências de 1906-1911 que derão origem ao CLG insistem no caráter sistemático da língua ao precisar que, para definir o signo linguístico, deve-se partir do conjunto do qual faz parte, e não vice-versa. « É necessário começar pela palavra, pelo termo, para se deduzir o sistema. Isso significa que os termos têm, de início, um valor absoluto, que não há necessidade de se construir uns sobre os outros para se o sistema. Ao contrário, é do sistema, um todo solidário, de onde se parte » (SAUSSURE, 1993, p.134). Em sincronia, o « mecanismo da língua » une doravante a combinação ao diferencial: opondo-se « *in absentia* » no plano « associativo », as unidades se unem e se dispõem também « *in praesentia* » no plano « sintagmático ».

Nas pesquisas sobre as epopeias germânicas em que trabalhou quase ao mesmo tempo, de junho de 1903 a abril de 1911, Saussure estendeu o conceito de signo e de semiologia a fenômenos discursivos distintos dos morfemas e das palavras, às diferentes formas de expressão da linguagem e mesmo a práticas não-linguísticas. As notas sobre as lendas germânicas afirmam que as personagens das narrativas se definem como « símbolos », isto é, unidades semiológicas regidas pelos mesmos princípios que governam os signos linguísticos:

A lenda compõe-se de uma série de símbolos [...] que] são submetidos às vicissitudes e às mesmas leis que todas as outras séries de símbolos, por exemplo os símbolos que são as palavras da língua. Fazem todos parte da *semiologie*. [...] A identidade dum símbolo não pode jamais ser fixada desde o instante em que é símbolo, isto é, derramado na massa social que lhe fixa a cada instante o valor. [...] cada uma das personagens é um símbolo cujo valor pode variar [...] a) o nome, b) a posição em relação aos outros – c) o caráter ; d) a função, os atos. (SAUSSURE, 1985, p. 30)

Nos rascunhos, Saussure enfatiza, acima de tudo, a plasticidade dos símbolos-personagens, cujo valor se transforma na dimensão diacrônica em vista da arbitrariedade do signo, que é o âmage da semiologia. Essas personagens estão sujeitas a alterações: o seu significante, o seu significado – em dois planos: o ser e o fazer da personagem – e a sua relação com as outras personagens das lendas.

Nas citações sobre o símbolo e nos seus cursos de linguística geral, Saussure apontou a Semiologia como uma nova disciplina autônoma, que ele define: « A semiologia estuda os signos e seu valor nas sociedades humanas » (SAUSSURE, 1993, p. 71), « ciência que ainda não se impôs » (GODEL, 1957, p. 67), mas que abarca « toda uma ordem de fatos psicológicos (de psicologia social) que têm direito a serem estudados como um só conjunto de fatos » (SAUSSURE, 1993, p. 71). Pode-se buscar as leis que regem esses conjuntos, que apresentam, por exemplo, particularidades constantes de caráter tanto interno como externo: todo signo é aí "arbitrário" e "puramente negativo

e diferencial" e se "o sistema pressupõe uma convenção", "o indivíduo ou a comunidade não podem alterá-la nem impedi-la de evoluir" (GODEL, 1957, p. 66).

Os cursos sobre linguística geral alargam a nova ciência dos signos, incorporando práticas não linguísticas e definindo todo sistema semiológico como uma instituição social: « seria, portanto, necessário, inserir a língua nas instituições semiológicas, como a dos signos marítimos, por exemplo (signos visuais), os sinais dos trompetes militares, a linguagem dos surdos mudos etc. A escrita é igualmente um amplo sistema de signos » (SAUSSURE, 1967, p. 47). Essa passagem lembra a de D. Whitney, as conferências insistiram sobre o caráter social e convencional da língua, e, por extensão, dos outros conjuntos semiológicos. Algumas dessas práticas apresentam uma gestualidade codificada e « arbitrária », tal como os sinais de polidez ou um gesto de saudação (SAUSSURE, 1967, p. 47); « uma cerimônia, um conjunto de rituais são instituições que lembram um pouco a língua (SAUSSURE, 1967, p. 46). Para Saussure, o linguista pode situar sua disciplina dentro da ciência graças ao que tem de semiológico.

Ao tratar sobre a dimensão sonora da linguagem nos seus cursos de linguística geral, Saussure retoma e desenvolve seus esboços de 1883-1884, observando que a descrição das unidades fônicas devem considerar as perspectivas do enunciador e do enunciatário, bem como os conceitos que se associam aos sons dentro de um sistema de signos (GODEL, 1957). Os cursos e o manuscrito *De l'essence double du langage* aventam, por vezes, o ato único de linguagem ao lado do sistema de signos e insistem na complementariedade das duas dimensões da linguagem, que são o sistema e o evento³. Sabe-se que os editores do CLG eliminaram as hesitações e as ambivalências do professor, honrando claramente a língua em detrimento da fala. De qualquer forma, tanto nas notas dos alunos de Saussure como no CLG, nem o enunciador nem enunciatário estão em evidência na exposição central sobre o signo, sobre o valor das unidades da língua; o sistema integrado, frequentemente apresentado como uma topologia complexa, ocupa sozinho todo o espaço. O « circuito da *parole* » onde « duas pessoas » « se comunicam » serve para precisar o lugar onde se pode definir e estudar a língua, mas é igualmente ofuscado (SAUSSURE, 1993, p. 67). O CLG negligencia, assim, a ação do sujeito falante e a comunicação intersubjetiva ou social para insistir mais ainda na apreensão do enunciatário. Saussure sugere por vezes que o enunciador retomaria um lugar importante se se estudasse a sintaxe, abandonada em detrimento da dimensão sonora da linguagem (SAUSSURE, 1993).

De qualquer maneira, no início das conferências dedicadas à linguística geral, em 1910 e 1911, Saussure explicou que a concepção comum de língua como « nomenclatura » é criticável. « Há um objeto do sujeito, e do nome », mas « a relação entre essas duas coisas não é muito clara » (SAUSSURE, 1967, p. 148). Pode-se supor que esse objeto exerce um papel na percepção de que « o significado 'bœuf' tem como significante *b-œ-f* de um lado da fronteira e *o-k-s (Ochs)* de outro » (SAUSSURE, 1972, p. 100). Logicamente, a última parte do curso, que deveria examinar « o exercício da linguagem pelos indivíduos », poderia ter respondido essa questão e explorado a relação entre o objeto e o nome na fala, assunto que concerne ao « estudo dos signos e de seu papel nas sociedades humanas » (SAUSSURE, 1993, p. 71). Infelizmente, as férias chegaram antes que o professor pudesse ter terminado a segunda parte do curso e começado a terceira.

Afim de tornar compreensível esse « sistema fechado como a língua » descrevendo « a multiplicidade imensa dos termos ou unidades do sistema, a sua estrita dependência recíproca » (GODEL, 1957, p. 71), as apresentações insistem bastante na ilustração topológica, como atestam os vários diagramas que se encontram nas notas e no próprio CLG. Com efeito, para falar de signo

³ Ver, por exemplo: "tudo o que entra na língua, de início, foi testado na fala um número de vezes suficiente para que resulte em uma impressão durável; a língua é apenas a consagração do que foi evocado < pela > fala. Riedlinger, notas do segundo curso, citado em SAUSSURE (1967, p. 376) e também SAUSSURE (1972, p. 37).

linguístico, Saussure, quase sistematicamente, recorreu a exemplos espaciais, tal como : « Ali é o terreno da Linguística, o dos *articuli...* o caráter linear da matéria fônica obriga primeiro a recortar esta para obter unidades » »(GODEL, 1957, p. 68); «A delimitação formará elos numa mesma corrente » (SAUSSURE, 1993, p. 80). « A unidade é assim *uma fatia de sonoridade...* ligada a certo conceito que serve para delimitar o corte » (GODEL, 1957, p. 83). Além disso, cada elemento assim definido toma a forma de um objeto plano com « frente » e « verso » (fônico e conceitual) (SAUSSURE, 1972, p. 157).

Ao mesmo tempo, ao lembrarmos a observação de Saussure a propósito da substância linguística, devemos notar que se essas figuras que servem de ilustração didática se apresentam como « descrições estáticas », eles apontam um « fenômeno dinâmico real ». De fato, sabe-se que Saussure fez seus estudos de doutorado com os neogramáticos, em Leipzig, e que, em Paris, ele se filiou à posição de Bréal segundo a qual a língua é uma dinâmica coletiva viva. Os cursos de linguística geral destacam essa criatividade linguística quando tratam sobre o funcionamento da analogia, das relações associativas, a etimologia popular e a propagação de inovações linguísticas. Esses fenômenos destacam a linguagem como « atividade contínua », como « processo gerador », como um conjunto de formas geradoras » (SAUSSURE, 1967, p. 376); « a língua não para de interpretar e de decompor as unidades que são dadas » (SAUSSURE, 1972, p. 227). Na semiose constante e sem fim, o espírito retoma continuamente os signos, reanalisa-os e os refaz.

< A língua > passa seu tempo a interpretar e a decompor o que é nela a contribuição das gerações precedentes [...] para em seguida com as subunidades que ela obteve combinar novas construções [...] A língua se recompõe à medida que ela se decompõe e ela será muito mais criativa à medida que ela terá mais material. » (SAUSSURE, 1967, p. 386).

Cada comunidade e cada indivíduo retomam ou recusam qualquer inovação ou propaga para adicioná-la eliminá-la do idioma.

2. O lugar do CLG no Círculo Linguístico de Praga e Roman Jakobson

A fonologia elaborada pelo Círculo Linguístico de Praga segundo os princípios do CLG acabaram por impor a linguística como « ciência piloto » para outras ciências humanas, e estimulou autores como Lévi-Strauss, Lacan, Barthes, Althusser e outros importantes pesquisadores. Nas primeiras páginas de *Grundzüge der Phonologie*, cuja tradução francesa *Principes de phonologie* serviu de manual para Claude Lévi-Strauss e muitos outros pesquisadores de línguas românicas, Troubetzkoy situa a abordagem da sua obra fundadora nas perspectivas do CLG. Para formular a distinção central entre a fonologia e a fonética, o autor apela para a distinção entre *langue* e *parole*, para a ideia de signo constituído por uma relação privilegiada entre o significante e o significado e para a concepção de língua como sistema⁴. O livro desenvolve de forma sistemática a tese de Saussure de que a língua representa uma forma composta por relações, e não uma substância.

Da mesma forma, em um curso que deu em Nova York, Roman Jakobson observou a propósito do CLG que « não são dogmas definitivos, mas hipóteses de trabalho e esboços lúcidos » (JAKOBSON, 1984, p. 164). Com efeito, em 1942, Jakobson expôs os princípios do CLG e propôs emendas e críticas importantes. O estudioso russo assinalou que « Saussure não implantou uma

⁴ A diferença entre “fala” e “língua” foi, de início, reconhecida de maneira mais clara pelo linguista suíço Ferdinand de Saussure, no Curso de Linguística Geral [...]. Tudo o que pertence à linguagem, ou seja, tanto ato de fala como de língua, Segundo Saussure tem duas faces: o *significante* e o *significado*, de forma que uma linguagem é sempre uma associação, uma retomada recíproca do *significante* e o *significado* [...]. A língua é um Sistema ou, mais precisamente, um conjunto de sistemas parciais” (TROUBETZKOY, 1949, p. 2-3).

teoria que prevê o aspecto intersubjetivo da linguagem » e citou Voloshinov, insistindo sobre a importância do *diálogo* e da dinâmica da troca, da interação e do controle na conversação (JAKOBSON, 1984, p. 177). Sabe-se que Jakobson não só retomou, mas também repensou os conceitos de sincronia e diacronia, de língua e fala e o princípio da arbitrariedade. Em alguns casos, ele retomou elementos do CLG, generalizando-os ainda mais e estendendo a sua aplicação a outros domínios linguísticos, às vezes até mesmo às formas de expressão não-linguística. Seu artigo traduzido para o francês, *Deux aspects du langage et deux types d'aphasie*, desenvolve também as relações associativas e sintagmáticas e mostra que as operações de seleção e de combinação distinguem duas fases de aquisição da linguagem, determinam dois tipos contrastantes de afasia, subjacente à metáfora e à metonímia em retórica, e informam o simbolismo e o realismo, respectivamente, nas artes plásticas e na literatura (JAKOBSON, 1963). Jakobson publicou trabalhos importantes sobre a poética, a literatura e o folclore, campos que também interessaram Saussure, sem que ele tenha desenvolvido estudos para serem publicados. A visão larga e geral da linguística do linguista russo se opõe ao foco quase exclusivo sobre a língua dado pelo CLG. Sabe-se que ele gostava de dizer uma adaptação da fórmula de Tércence : « Eu sou linguista, nada do que toca a linguagem me é estranho ». De maneira geral, os desenvolvimentos de Jakobson exploram a expansão e a complexidade, enquanto que, no Curso, Saussure condensa e simplifica. Jakobson visou mesmo o universal mais que Saussure, que preferiu a generalidade e a comparação.

3. O desenvolvimento da semiótica por Jakobson

Em suas intervenções mais importantes que tratam direta e explicitamente da semiótica, Jakobson tratou da semiologia saussureana, da semântica segundo filósofos e linguistas do século XX e da gramática especulativa medieval. No entanto, o teórico em que mais se baseou foi C. S. Peirce. Ele descobriu os escritos do filósofo norte-americano sobre o signo no início dos anos 1950 e continuou a explorá-los em trabalhos escritos ou traduzidos em francês, que desenvolvem elementos de semiótica.

Em uma conferência de 1952, retomada no primeiro tomo dos *Essais de linguistique générale* publicados em 1963, o linguista russo apresentou o filósofo americano como « um dos maiores precursores da análise estrutural em linguística », à medida que não somente « estabeleceu a necessidade da semiótica », como fez Saussure, mas « esboçou também suas linhas gerais » (JAKOBSON, 1963, p. 27). Essa semiótica pode ser útil ao linguista, pois, mesmo que « o sistema semiótico mais importante, a base de todo o resto, seja a linguagem [...] todos os outros sistemas de símbolos são acessórios ou derivados », comparar as línguas aos outros sistemas simbólicos releva os princípios essenciais da linguagem, e permite determinar os seus traços específicos (JAKOBSON, 1963, p. 28). Nota-se que, se Jakobson cita Peirce, retoma também a perspectiva de Saussure, fato que está sempre presente nas discussões sobre semiótica.

Em 1953, Jakobson enfatiza o conceito de interpretante de Peirce, a ideia de que « todo signo traduz-se noutro signo », para defender o projeto de uma semântica linguística imanente, o encontro da semântica com a filosofia analítica centrada no referencial não-linguístico. Com efeito, o interpretante comunica bem a atitude epistemológica de Peirce, segundo o qual « *Todo este universo* está impregnado de *signos*, senão *composto* exclusivamente de *signos* ». O interpretante permite a Jakobson « insistir no caráter intrinsecamente linguístico da semântica ».

Desde 1867, C.S. Peirce, que, repito, deve ser considerado como um autêntico e intrépido precursor da linguística estrutural, estabeleceu claramente o caráter linguístico da semântica. [...] Peirce dá uma definição incisiva do principal mecanismo estrutural da linguagem

quando mostra que qualquer signo pode ser traduzido como outro sinal em que é desenvolvido mais completamente (JAKOBSON, 1963, p. 41).

Jakobson retoma a definição de semiose que Peirce formulou por volta de 1897, ou seja, apenas poucos anos depois que Saussure formulou o conceito de língua como um sistema de signos, em *Da essência dupla da linguagem*:

Um signo, ou *representamen*, é qualquer coisa que acontece para alguém sob qualquer relação ou a qualquer título. Ele se dirige a alguém, ou seja, cria no espírito dessa pessoa um signo equivalente ou talvez um signo mais desenvolvido. Esse signo que ele cria eu chamo de *interprétant* do primeiro signo. Esse signo representa alguma coisa: o seu *objeto*. Ele toma o lugar desse objeto, não em todos os aspectos, mas por referência a um tipo de ideia que chamei às vezes o *fundamento* do *representamen*. (PEIRCE, 1978, p. 121)

Para Peirce, o termo *representamen* ou «signo» recobre o que a linguística e a semiótica românicas designam como «discurso» e «texto». «O objeto» de Peirce se situa plenamente na sua fenomenologia, contrariamente à filosofia da linguagem formalista e logicista. Esse objeto, «aquilo cujo conhecimento é pressuposto para poder comunicar informações suplementares que lhe dizem respeito» (PEIRCE, 1978, p. 123), serve, portanto, sobretudo para introduzir o contexto no texto propriamente dito, quer se trate do contexto interno ou do contexto da enunciação. Peirce explica, por exemplo, que objeto de um pronome relativo como *que* ou *quem* é o seu antecedente gramatical, o seu referente interno, discursivo (PEIRCE, 1978, p. 155-56).

A definição apresenta um processo que a filosofia americana chama semiose, e que pode ser comparado, em alguns aspectos, à enunciação. O *representamen* dirige-se ao enunciatário e desperta nele um novo signo. Transpondo a terminologia de maneira aproximativa (e abusiva), pode-se dizer que o significante gera um significado para um determinado assunto em um contexto particular. Enquanto que, no positivismo lógico, combatido por Jakobson, o « signo » ou significante isolado se associa a um conceito mental não linguístico cujo sentido depende do referente situado no mundo natural e é garantido pela ciência, para Peirce todos os componentes da semiose relevam do funcionamento semiótico. Contrariamente, isso não desagradava o linguista russo, o interpretante de Peirce não é necessariamente linguístico, seja ou não indiferente à filosofia americana. Por outro lado, percebe-se que Peirce situa a semiose no campo da fala saussureana mais do que no da língua, e visa a articular não uma topologia de signos mas antes um ato humano que significa.

A concepção saussureana e a de Peirce de semiose se completam muito mais que se opõem. Saussure focaliza a organização complexa dos conjuntos significantes tais como uma língua e um enunciado e a especificidade social e história de um sistema semiológico em cada momento do seu desenvolvimento. A formulação peirceana enriquece a saussureana, alargando seu campo e antecipando um bom número de problemáticas-chaves da semiótica, notadamente a enunciação, a temporalização, o contexto e a interação entre práticas de substância diferente.

Em 1958, Jakobson apresentou « os componentes de todo processo linguístico, de todo ato de comunicação verbal », no número de seis: *emissor*, *destinatário*, *mensagem*, *código*, *contato* e *contexto*, e mostrou que a cada fator corresponde uma função linguística distinta: expressiva, conativa, poética, metalinguística, fática e referencial (JAKOBSON, 1963). Sabe-se que Jakobson não buscou dar a seu modelo uma formulação altamente teórica, e que se pôde criticar a escolha, a definição e a articulação dos seus componentes, inspirados em Bühler e na teoria da informação. Nós nos contentamos em frisar que esse esquema incorpora a *langue* saussureana sob a forma de « código », mas abarca outros aspectos da comunicação, como o destinatário, o emissor e o referente. Na sua pragmática e na sua definição de signo, Peirce evidencia as três últimas instâncias, as quais o CLG nota, mas negligencia,

embora nas suas definições de linguística, Saussure faz, sistematicamente, menção ao destinatário e ao emissor. O modelo de Jakobson também iguala a póstica ao código, já o CLG aponta um empasse, enquanto as pesquisas de Saussure sobre os anagramas exploram a fundo os mecanismos semiológicos dos processos prosódicos. Os seis componentes e as seis funções possuem a vantagem de apontar eixos fundamentais para a linguística e para a semiótica que ultrapassam os eixos do sistema formal que domina a semiótica no CLG e do referente com o qual se preocupa a filosofia analítica.

No artigo « Aspectos linguísticos da tradução », Jakobson se apoia na interpretação perceana para formular os princípios de uma tradutologia e de uma intersemiotividade imanentes. « Para o linguista assim como para o usuário comum da linguagem, o sentido de uma palavra não é nada mais que sua tradução por um outro signo que pode substituí-lo, especialmente outro signo « cujo sentido se encontra mais completamente desenvolvido », como ensina Peirce, o mais profundo pesquisador da essência dos signos (JAKOBSON, 1963, p. 79). De fato, o próprio Peirce sempre evoca o processo de « tradução » na essência da significação. [« um signo não é um signo a menos que ele se traduza em outro signo mais desenvolvido » ; o sentido (...é) na sua concepção primária a tradução de um signo por outro signo » ; « o sentido de um signo é o signo pelo qual ele deve ser traduzido » (LISZKA, 1966, p. 24). Ao lado da tradução « interlíngua » ou tradução propriamente dita, Jakobson introduz a noção de « tradução intersemiótica ou transmutação », a saber « a interpretação dos signos linguísticos no interior de sistemas de signos não linguísticos [...], por exemplo da arte da linguagem à música, à dança, ao cinema ou à pintura » (JAKOBSON, 1963, p. 79). Citando Bertrand Russell, o linguista russo contrasta essa perspectiva imanente de maneira explícita com o ponto de vista do positivismo lógico que predomina no mundo anglo-saxão. Observamos que Jakobson apresenta essas artes não verbais como « sistemas de signos », o que retoma a concepção saussureana de práticas semiológicas múltiplas e distintas, cada uma compreendendo um conjunto complexo e solidário. Já Peirce apresenta uma dinâmica semiológica universal, sem insistir na autonomia e no caráter sistemático de certos conjuntos de signos como as línguas naturais e as tradições culturais.

Em outro momento, Jakobson retoma a trilogia perceana ícone, índice e símbolo para desenvolver visões que completam ou contestam algumas perspectivas do CLG. A definição dos *shifters* depende do símbolo perceano ou da língua saussureana, mas também o índice perceano, que implica o ato de linguagem e seu contexto (JAKOBSON, 1963). Por outro lado, o artigo de 1965, « Em busca da essência da linguagem », mostra como a noção perceana de ícone permite relativizar ainda mais o princípio saussureano da arbitrariedade, ao estudar múltiplas estruturas linguísticas em que a configuração do significado reflete a do significante – fenômenos que a linguística cognitiva retomou depois (JAKOBSON, 1965).

Na comunicação que inaugurou o primeiro congresso da Associação Internacional de Semiótica, em Milão, em 1974, Jakobson esboçou uma concepção larga e compreensível de semiótica, que, aliás, vai além da semiótica posta no CLG e da semiótica considerada por Peirce, para abarcar o conjunto de pesquisas semióticas em curso nos múltiplos domínios não linguísticos tais como a imagem estática, o cinema, a música e a dança, pesquisas que se reclamam sempre da semiologia saussuriana e do CLG (JAKOBSON, 1979). Essa intervenção se apoia novamente na interpretação de Peirce para formular uma abordagem imanente em semiótica, e insiste que a semiótica perceana e a linguística estrutural são inteiramente compatíveis.

CONCLUSÃO: SEMIOLOGIA SAUSSUREANA, SEMIOLOGIA JAKOBSIANA E OUTRAS

Nos escritos de Saussure e Jakobson, o campo semiótico não parou de crescer no curso da carreira dos dois estudiosos. O linguista russo retomou a ideia saussureana central de que os signos constituem um sistema solidário sujeito a mudanças contínuas. Ele seguiu também a abertura às práticas não linguísticas, reafirmando a especificidade e a primazia das línguas naturais entre os sistemas de signos. Em relação ao CLG, a abordagem no domínio da semiótica focaliza em primeiro lugar o ato de linguagem e destaca o papel do contexto, dos agentes enunciativos e da poética. Nessa insistência no ato e em outras instâncias alheias ao sistema interno da língua, Jakobson reencontra as perspectivas pragmáticas e semióticas de Peirce – mas também as inéditas de Saussure. Em seus trabalhos, o estudioso russo também tomou algumas posições contrárias ao CLG, e concordou mais com a importância da motivação do signo, reivindicou o caráter teleológico das mudanças linguísticas e afirmou que o uso individual manifesta regularidades do mesmo tipo que o uso social.

Além disso, relacionando o contexto do ato linguístico ou semiótico e concordando com a importância atribuída ao locutor, ao destinatário e ao referente, Jakobson se aproxima também do ponto de vista de Benveniste sobre a semântica da enunciação, e antecipa as concepções de semiose elaboradas por A. J. Greimas, Jean-Marie Klinkenberg e François Rastier. Para completar a célebre definição topológica de signo do CLG, um bom número de linguistas e semioticistas ulteriores também insistiram sobre quatro temáticas que se encontra na essência do pensamento de Jakobson e Peirce – e também das ideias inéditas de Saussure: a) o ato de linguagem e as práticas significantes, b) a interação, a subjetividade e a comunicação entre os sujeitos da enunciação, c) a intencionalidade, o engajamento ético, a ligação entre a linguagem, o mundo e a história.

REFERENCIAS

GODEL, Robert. *Les Sources manuscrites du Cours de linguistique générale de F. de Saussure*. Paris, Minard et Genève, Droz, coll. Société de publications romanes et françaises n° 61, 1957.

Greimas, A. J. et Joseph Courtés. *Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. Paris, Hachette, 1979.

JAKOBSON, Roman. À la recherche de l'essence du langage. *Diogenes*, n° 51, 1965, p. 22-38.

JAKOBSON, Roman. *Essais de linguistique générale*. Vol. 1. *Les fondations du langage*. Paris, Minuit, 1963.

JAKOBSON, Roman. Coup d'œil sur le développement de la sémiotique. *Actes du premier congrès de l'Association Internationale de Sémiotique*, Milan, juin 1974, éd. Seymour Chatman, Umberto Eco et Jean-Marie Klinkenberg. La Haye, Mouton, 1979, p. 3-18.

JAKOBSON, Roman. La théorie saussurienne en rétrospection. *Linguistics*, vol. 22, n° 2, 1984, p. 161-196.

KLINKENBERG, Jean-Marie. *Précis de sémiotique générale*. Paris, Seuil, 1996.

LISZKA, James. *A General Introduction to the Semeiotic of Charles Sanders Peirce*. Bloomington, Indiana University Press, 1996.

PARRET, Herman. Les manuscrits saussuriens de Harvard. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n° 47, 1993-1994, p. 179-234.

PEIRCE, Charles Sanders. *Collected Papers of Charles Sanders Peirce*, éd. Charles Hartshorne et Paul Weiss. 6 vol. Cambridge: Harvard University Press, 1960.

PEIRCE, Charles Sanders. *Écrits sur le signe*, éd. Gérard Deledalle. Paris, Seuil, 1978.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de linguistique générale*, éd. Rudolf Engler. 2 vol. Wiesbaden, Harrassowitz, 1967.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de linguistique générale, premier et troisième cours d'après les notes de Riedlinger et Constantin*, éd. E. Komatsu. Tokyo, Gakushuin University, 1993.

SAUSSURE, Ferdinand de. *De dangereux édifices. Saussure lecteur de Lucrèce. Les "Cahiers d'anagrammes" consacrés au "De rerum natura,"* éd. F. Gandon. Louvain et Paris, Peeters, coll. Bibliothèque de l'information grammaticale n° 50, 2002.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Écrits de linguistique générale*, éd. Simon Bouquet et Rudolf Engler avec Antoinette Weil. Paris, Gallimard, 2002.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Le leggende germaniche: scritti scelti e annotati*, éd. Marcello Meli et Anna Marinetti. Este, Zielo, 1985.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*. Leipzig, Teubner, 1878.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Les mots sous les mots. Les anagrammes de Ferdinand de Saussure*, éd. Jean Starobinski. Paris, Gallimard, 1971.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Phonétique : il manoscritto di Harvard Houghton library bMs Fr 266 (8)*, éd. Maria Pia Marchese. Padoue: Unipress, 1995.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Troisième cours de linguistique générale (1910-1911) d'après les cahiers d'Emile Constantin*, éd. E. Komatsu. Oxford, Pergamon Press, coll. Language and Communication Library n° 12, 1993.

TIERCELIN, Claudine. *C. S. Peirce et le pragmatisme*. Paris, Presses Universitaires de France, 1993. En ligne, <http://books.openedition.org/cdf/1997?lang=en>.

TROUBETZKOY, Nikolai Sergeevich. *Travaux du cercle linguistique de Prague 7*, numéro spécial consacré à *Grundzüge der Phonologie*, 1939. Traduit par J. Cantineau *Principes de phonologie*. Paris, Klincksieck, 1949.

WAUGH, Linda. « Introduction ». *Linguistics* vol. 22, n° 2, 1984, p. 157-160.

WHITNEY, William Dwight. *The Life and Growth of Language: An Outline of Linguistic Science*. New York, D. Appleton, 1896.